



Data: 09.04.2020

Título: O puzzle que é preciso montar para sair da crise

Pub: JORNAL DE
negócios

Tipo: Jornal Nacional Diário



Secção: Destaque

Pág: 1;4;5

O puzzle que é preciso montar para sair da crise

PRIMEIRA LINHA 4 e 5

Área: 1175cm² / 41%

Tiragem: 16 981

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6798989

PRIMEIRA LINHA COVID-19

Sair desta crise vai ser como resolver um puzzle

Os economistas avisam que a crise económica provocada pela resposta à epidemia de covid-19 tem dimensões e características extraordinárias. Vai ser preciso voltar a encaixar as peças todas da economia mundial como se de um puzzle se tratasse.

MARGARIDA PEIXOTO

margaridapeixoto@negocios.pt



Muitos países, entre os quais Portugal, têm medidas de contenção no terreno que ditam o isolamento social.

MARGARIDA PEIXOTO

margaridapeixoto@negocios.pt

Imagine um puzzle de dez mil peças: sair da crise provocada pela pandemia de covid-19 ameaça ser tão difícil como resolvê-lo de olhos vendados. As consequências do confinamento ditado por razões de saúde pública estão não só a provocar uma das maiores crises económicas alguma vez

registadas, como a invalidar as ferramentas habituais dos economistas para lidar com o colapso.

Em pouco mais de um mês, a recessão económica espalhou-se pelo globo: a Comissão Europeia antecipa uma contração no conjunto dos Estados-membros maior do que a de 2009, o índice de previsão de recessões criado pela Bloomberg para os Estados Unidos diz que a probabilidade de uma contração é de 100%, e muitos outros países sinalizaram já a entrada quase certa em terreno negativo – Canadá, Japão, Coreia do Sul, México, Singapura, Argentina, Brasil, são só alguns exemplos.

Forçados a medidas de confinamento da população, os países atiraram as economias ao charco e procuram agora a luz ao fundo do túnel. Mas tudo indica que a tarefa será longa e hercúlea. Primeiro, pelas características desta crise, e segundo, porque as ferramentas habituais não funcionam.

Uma crise nunca vista

“O colapso de curto prazo em curso na produção mundial já parece rivalizar, ou exceder, o de qualquer recessão nos últimos 150 anos,” escreveu Kenneth Rogoff, num artigo de opinião publicado esta terça-

-feira, no Project Syndicate. O pessimismo tem argumentos: é que mesmo que as medidas de confinamento que estão a ditar a paragem das economias comecem a ser revertidas, será preciso voltar a alinhar as cadeias de valor. É o tal puzzle: “Mesmo que a indústria chinesa retome na totalidade, quem vai comprar os bens produzidos, tendo em conta que o resto da economia mundial está a afundar,” pergunta Rogoff.

Fernando Alexandre, economista e professor na Universidade do Minho, traz o raciocínio para a realidade portuguesa e acrescenta-lhe um ponto: não é só a jussante, no momento de escoar o produto, que se colocam problemas. Também os haverá a montante. “A Autoeuropa, por exemplo, até pode encontrar condições para ter todos os trabalhadores a laborar, mas é preciso que tenha componentes para produzir”, nota. Ou seja, os seus fornecedores também já têm de estar livres do confinamento para Portugal voltar a produzir e exportar carros.

“Há muitas funções da reativação das economias que não respondem à habitual lógica de mercado”, explica o professor. Outro exemplo português é o da indústria têxtil: as fábricas podem reencontrar condições de produção, mas as grandes cadeias que absorvem o produto português estão fechadas, como é o caso da Zara, lembra.

Richard Baldwin, professor de economia internacional e editor executivo do blog Vox, do Centro de Investigação de Políticas Económicas (CEPR), sublinha o mesmo ponto. “Em tempos de normalidade, o lado da oferta olha por si. Ou mais concretamente, há um exército de empreendedores, e de empresas, desejantes de cuidar da oferta em troca de lucro”, explica,

Miguel Baltazar



“

Vamos ter setores e países a reativar a ritmos diferenciados. Muito não responde à lógica de mercado.

FERNANDO ALEXANDRE
Economista e professor
na Universidade do Minho

num artigo publicado a 22 de março. “Em recessões normais, o grande problema é a falta de procura. Desta vez é diferente porque são as políticas públicas do lado da oferta (as medidas de confinamento) que estão a causar a recessão”.

Ou seja, as ferramentas habituais – segurar os rendimentos das populações, implementar políticas monetárias expansionistas, por exemplo – não chegam para resolver o problema. Aliás, Baldwin avisa até que, se o confinamento durar tempo suficiente, pode mesmo levar a subidas de preços de bens essenciais (cuja produção está mais comprometida), obrigando a medidas dos anos 40: preços regulados, racionamento e quotas de produção para determinados bens.

Quem chega primeiro, ganha vantagem

Das características da atual crise decorre também que o processo de reativação precisa de ser artificialmente coordenado, caso contrário, quem chega depois arrisca-se a perder muito. O setor automóvel volta a ser um bom exemplo em Portugal: “Pode ser muito complicado. As peças estão todas normalizadas, por isso, se os nossos clientes reativarem a produção antes de nós, vão procurar outros clientes. Os contratos são feitos a vários anos, por isso esta perda não é recuperável mais tarde”, defende Fernando Alexandre. É por isso que apesar de a indústria estar, à primeira vista, mais bem colocada para recuperar mais cedo do que, por exemplo, a restauração, isso não quer dizer que vá ser fácil. As cadeias de valor foram interrompidas e agora será preciso

voltar a encontrar os elos de ligação.

Seja como for, há um segmento de atividade para quem as dificuldades são certas: o turismo. “O turismo não deverá ter um terceiro trimestre muito diferente do segundo. As pessoas que ainda terão férias para gozar – porque algumas poderão ter acabado por esgotá-las no início do confinamento – vão procurar alojamentos mais isolados. Possivelmente terão medo de ir para hotéis ou resorts com muitas pessoas,” antecipa Rui Constantino, economista-chefe do Santander. “O turismo este ano vai depender dos residentes”, corrobora António da Ascensão Costa, economista e professor no ISEG. ■

TOME NOTA

O que tem esta crise de diferente?

A recessão em que Portugal entrou, tal como várias outras economias no mundo, é diferente do habitual e por isso sair dela também não vai implicar o mesmo tipo de medidas.

É UMA MEDIDA DE SAÚDE PÚBLICA

A recessão que os países enfrentam neste momento pode ser considerada uma “medida de saúde pública”, defende o economista Richard Baldwin. Está a acontecer como reflexo da ne-

cessidade de afastamento social por causa da pandemia de covid-19.

É INTENCIONAL, MAS INEVITÁVEL

Parece contraditório, mas não é. Esta recessão é inevitável, na medida em que os Estados foram forçados a travar a produção económica. Mas está a ser provocada de forma intencional pelos governos, ao obrigarem os trabalhadores a ficar em casa e as empresas a suspender atividade.

NÃO BASTA PROMOVER A PROCURA

Para sair desta recessão, não basta promover a procura e esperar que o normal funcionamento do mercado leve a oferta a acompanhar o movimento. É preciso pensar como é que a oferta pode ser satisfeita, uma vez que as empresas estão impedidas de operar normalmente.

REATIVAÇÃO DIFERENCIADA

Apesar desta crise ser mais ou menos sincronizada, estando muitos países espalhados pelo mundo a atravessar o mesmo tipo de dificuldades, a reativação da atividade económica tem potencial para acontecer a ritmos diferenciados, seja entre países, seja entre setores. Para que um país retome, não basta retirar as suas medidas de contenção.



Que recessão se espera em Portugal

-5,7%
BANCO DE PORTUGAL

Esta é a contração do PIB prevista pelo Banco de Portugal, no cenário mais negativo, revelado a 26 de março. Num cenário moderado, a recessão será pelo menos de 3,7%.

O grupo de análise económica do ISEG antecipa uma contração da economia portuguesa de pelo menos 4%, mas que pode atingir os 8% num cenário pior.

-8%
ISEG

-20%
NECEP

O núcleo de estudos da Universidade Católica admite que a recessão pode atingir uma quebra de 20% do PIB, no cenário mais pessimista. No mínimo, será de 4%.

O departamento de research do BPI aponta para uma recessão de 3,4% este ano, mas apenas de a pandemia estiver controlada até meados de maio.

-3,4%
BPI

-8%
FÓRUM PARA
A COMPETITIVIDADE

O Fórum para a Competitividade aponta para o mesmo intervalo do ISEG, consoante a pandemia seja contida dentro de semanas, ou se prolongue mais.